

EXPOSIÇÕES DE ARTE: ARQUIVO, HISTÓRIA E INVESTIGAÇÃO

ENCONTRO INTERNACIONAL



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

ART EXHIBITIONS:
ARCHIVE, HISTORY AND RESEARCH
INTERNATIONAL MEETING

6 NOV 2017

AUDITÓRIO 3 | 10:00

ENTRADA LIVRE | FREE ADMISSION

MANHÃ

10:00

ABERTURA DO ENCONTRO

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA

(Instituto de História da Arte/NOVA FCSH)

LEONOR NAZARÉ

(Fundação Calouste Gulbenkian)

10:30

Relembrando exposições online: Da inventariação, ao Aumentado, a Sites Interativos – Uma Discussão sobre Taxonomia e Implicações

REESA GREENBERG

(Carleton University, Ottawa; York University, Toronto)

11:30

PAUSA PARA CAFÉ

11:45

Vista de exposição. Fontes primárias para uma história das exposições

RÉMI PARCOLLET

(HICSA Université Paris | Panthéon-Sorbonne)

13:00

ALMOÇO LIVRE

TARDE

14:30

Exposições como património: uma reflexão a partir do projeto História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital

ISABEL FALCÃO

(Instituto de História da Arte / NOVA FCSH; Fundação Calouste Gulbenkian)

15:30

Documentação de exposições nos museus: um elo perdido?

ALEXANDRE MATOS

(Sistemas do Futuro)

17:00

ENCERRAMENTO

Nota: As línguas de trabalho serão o inglês (manhã) e o português, com tradução simultânea para inglês (tarde).

A **Fundação Calouste Gulbenkian** e o **Instituto de História da Arte da FCSH - Universidade NOVA de Lisboa** promovem, no âmbito do projeto *História das Exposições de Arte da FCG – Catálogo Digital*, o encontro internacional *Art Exhibitions: archive, history and research*.

Este encontro, para além de visar estimular o debate acerca dos desafios colocados atualmente à valorização e divulgação das exposições – tendo em conta os variados recursos tecnológicos disponíveis, a dispersão e diversificação da documentação relacionada, a necessidade de classificar e de tornar acessível essa informação –, pretende também dar a conhecer o projeto *História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital*, cuja atividade se enquadra na tendência recente de valorização patrimonial dos eventos expositivos e salvaguarda da sua memória.

Com:

REESA GREENBERG

(Carleton University, Ottawa; York University, Toronto)

RÉMI PARCOLLET

(HICSA Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

ISABEL FALCÃO

(Instituto de História da Arte / NOVA FCSH; Fundação Calouste Gulbenkian)

ALEXANDRE MATOS

(Sistemas do Futuro)

Relembrando exposições online: Da inventariação, ao Aumentado, a Sites Interativos – Uma Discussão sobre Taxonomia e Implicações

REESA GREENBERG

(Carleton University, Ottawa; York University,Toronto)

Desde 2008, quando comecei a escrever sobre exposições documentadas online, muito – embora pouco – mudou. Nesta comunicação pretendo reconsiderar as premissas, as práticas e paradoxos da documentação de exposições online. Muito do que irei dizer poderá ser utilizado para formar uma moldura arqueológica e interpretativa provisória, ainda que parcial, das tentativas de registo, por parte dos museus, das suas exposições temporárias. Embora as tecnologias digitais de registo de exposições e da sua disseminação tenham pouco mais de vinte anos, existe uma urgência em olhar para trás e verificar o que aconteceu no domínio digital, de forma a consolidar e lembrar uma já fugaz história. É minha esperança que um entendimento mais completo das iterações, questões e implicações passadas envolvidas na documentação de exposições online possa conduzir a abordagens mais estratégicas e produtivas à medida que avançamos.

Reesa Greenberg é historiadora, vive em Otava, Canadá, e o seu trabalho foca-se na análise do papel da história e da memória no contexto das práticas expositivas recentes. Entre os seus ensaios incluem-se os títulos: *‘Remembering Exhibitions’*: *From Point to Line to Web*; *Archival Remembering Exhibitions*; *Editing The Image: Two Onsite/Online Exhibitions*; *MoMA and Modernism: The Frame Game*; e *The Exhibition as Discursive Event*. Coeditou *Thinking About Exhibitions*, uma publicação--chave para a abertura do campo dos estudos curatoriais e de exposições. Atualmente é Professora Adjunta de História da Arte na Carleton University, Ottawa e na York University, Toronto. Foi Professora Convidada no Mestrado de Curadoria no California College of the Arts e lecionou na primeira *Summer School* de Curadoria em Moscovo.

Vista de exposição. Fontes primárias para uma história das exposições.

RÉMI PARCOLLET

(HICSA Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

Será útil ter em mente que a fama universal de várias exposições importantes do século XX decorreu essencialmente das fotografias que moldaram o seu “tornar-se imagem”.

No seguimento da criação em 2011 do seu programa de investigação sobre a história das exposições, o Centro Pompidou decidiu catalogar todas as suas exposições passadas, utilizando para tal a figura do catálogo *raisonné* como ponto de partida metodológico. Mas como pode o género catálogo *raisonné* ser adaptado à história das exposições? Que forma deve tomar?

Publicações recentes no âmbito da história das exposições relembram-nos que as vistas de exposição são uma presença dominante entre os vários documentos utilizados na reconstrução da história de uma exposição. De facto, este tipo de fotografia de arquivo possui um papel determinante no projeto do catálogo *raisonné* das exposições.

No entanto, foi só a partir de 2010 que o Centro Pompidou começou a digitalizar a totalidade da sua coleção de vistas de exposição. Este processo de inventariação é simultaneamente a causa e a consequência da produção de um catálogo *raisonné* de exposições. Pode estabelecer-se uma comparação interessante entre o projeto do Centro Pompidou e o projeto de arquivo levado a cabo pelo MoMA, que seguem intenções muito semelhantes, embora utilizando métodos diferentes.

Se a fotografia opera uma descontextualização radical da obra de arte, favorecendo a cognição em detrimento da perceção, uma vista de exposição é determinada segundo o tempo e o espaço. Ela é, antes, durante e depois da exposição, não só um indicador como um meio de verificação de informações. As indicações que a fotografia fornece, proporcionam elementos para a análise crítica de uma exposição. O registo de uma exposição, graças ao medium fotográfico, deu sempre origem a objetos que permitem comparações e verificações.

A importância dada ao arquivamento e à documentação de exposições é crescente e, por esta razão, é importante uma comparação entre as coleções mantidas nos arquivos do Centro Pompidou e outras coleções de arquivos.

Rémi Parcollet é historiador de arte. O seu trabalho incide sobre a história das exposições, através de uma abordagem contemporânea aos arquivos visuais, ao património digital e às humanidades, e ao processamento da imagem no contexto da história dos museus. Foi bolseiro de Pós-Doutoramento no Laboratoire d’Excellence Création, Art et Patrimoines, trabalhou na criação do programa da história das exposições do Centro Pompidou e iniciou o catálogo *raisonné* de exposições do Musée national d’art moderne (MNAM-CCI). Foi cocurador da exposição *Soixante Dix Sept Experiment* no Photographic Center d’Île-de-France (11 março-16 julho 2017), por ocasião do quadragésimo aniversário do Centro Pompidou. Codirige a publicação *Postdocument* e trabalha em afiliação com o Laboratoire Histoire culturelle et sociale de l’art (HICSA), Paris 1. Publicou «(Re)producing the Exhibition, (Re) thinking Art History. On the Visual Archives of Primary Structures» (*Revue Critique d’art*, n.º 45, junho 2016) e «The photographic archives of Pompidou Center» (*Cahiers du CAP*, março 2015).

Exposições como património: uma reflexão a partir do projeto História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital

ISABEL FALCÃO

(Instituto de História da Arte / NOVA FCSH; Fundação Calouste Gulbenkian)

JOANA BAIÃO

(Instituto de História da Arte / NOVA FCSH)

As exposições de arte constituem cada vez mais um objeto de estudo importante para historiadores da arte, críticos e museólogos. No campo da História da Arte temos vindo a notar um crescente interesse pelas exposições que «fizeram a História da Arte», ou seja, aquelas que marcadamente definem o contexto primordial no qual as obras de arte são pela primeira vez apresentadas ao público, influndo diretamente no modo como a obra de arte virá a ser integrada no panorama artístico, na crítica de arte, na historiografia e no mercado de arte. Desta forma, vão surgindo, no panorama internacional, **projetos** dedicados à inventariação e estudo sistemático das exposições de arte, catálogos *raisonné* de exposições, que têm como ponto de partida o levantamento e análise de material de arquivo relacionado com cada um dos eventos estudados.

O interesse por este tema coloca, desde o início, várias questões relacionadas quer com a preservação e acessibilidade da documentação produzida no contexto da organização e produção das exposições (normalmente assegurada por arquivos), quer com a escolha das melhores abordagens metodológicas e científicas a essa mesma documentação.

Em termos gerais, estes projetos optaram por abordar as exposições enquanto objetos, aproximando-as de criações artísticas como as instalações ou performances, também de natureza efémera e condicionadas pelos locais onde são realizadas. Como consequência, cada exposição-objeto é passível de ser alvo de um registo de inventário sistemático que, no seu conjunto e de acordo com objetivos pré-estabelecidos, pode resultar numa catalogação completa dos eventos expositivos.

O prestígio e impacto das exposições da Fundação Calouste Gulbenkian justificam, por si só, e enquanto eventos singulares, a sua análise. No entanto, elas são muito mais do que fenómenos pontuais, podendo ser encaradas como acontecimentos históricos, verdadeiros testemunhos da arte e cultura portuguesas, marcantes para a promoção e desenvolvimento das práticas e políticas artísticas e culturais.

O projeto **História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital** tem como objetivo realizar a inventariação, estudo e divulgação da memória expositiva da Fundação Calouste Gulbenkian no campo artístico procurando, igualmente, explicitar a múltipla valência dos eventos expositivos, contribuir para o debate sobre a valorização destes eventos na análise crítica da história da arte e concorrer para a definição de metodologias de valorização e patrimonialização das exposições.

Isabel Falcão é membro do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutoranda em História da Arte, especialização em Museologia e Património Artístico e bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Pós-Graduação em Museologia (2008). Mestrado em História da Arte Contemporânea (1997). Licenciatura em História – variante em História da Arte (1989).

É, atualmente, coordenadora científica do projeto *História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital* (início junho 2016). Tem colaborado com diversas instituições na conceção e organização de exposições temporárias sobre arte portuguesa dos séculos XIX e XX, nomeadamente a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Museu do Mar – Rei D. Carlos, Museu Condes de Castro Guimarães e Museu de Arte Popular.

Joana Baião é membro integrado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Soci-ais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutora em História da Arte, especialização em Museologia e Património Artístico (2014), Mestre em Museologia (2009) e Licenciada em Artes Plásticas – Escultura (2005).

Foi bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (2009-2010) e integrou a equipa de investigação do projeto «Fontes para a História dos Museus de Arte em Portugal» (2010-2013).

Tem vindo a cooperar com diversas instituições museológicas, entre as quais o Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva e o Museu de Serralves. Foi investigadora (2013-2016) e assistente de coordenação (2015-2016) no projeto Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital, onde colabora atualmente como consultora científica.

É bolseira de Pós-Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o projeto de investigação «Study trips and artistic immigration: Portuguese artists in Paris, 1929- -1976», desenvolvido no Instituto de História da Arte da FCSH-UNL e no Institut d’histoire moderne et contemporaine da École normale supérieure (Paris).

Documentação de exposições nos museus: um elo perdido?

ALEXANDRE MATOS

(Sistemas do Futuro)

Os museus têm, ao longo das últimas décadas, construído e tornado acessível *online* um corpo de conhecimento muito importante sobre as suas coleções. Esse esforço de documentação e divulgação é, no entanto, apenas uma das partes do conhecimento guardado nestas instituições e que urge completar com outras informações geradas na sua atividade regular.

As exposições, momentos centrais na atividade dos museus e instituições semelhantes, foram, e são ainda, a forma de divulgação do património mais utilizada nos museus. No entanto, a preocupação com a sua documentação, e consequente acesso, é bastante menor se comparada com a informação relativa às colecções.

Houve, no nosso entender, motivos suficientes para justificar esta passagem para segundo plano nas prioridades dos planos de documentação, no entanto, hoje em dia os museus e os seus profissionais percebem a falha existente e procuram solucionar esta questão com o desenvolvimento de projetos de documentação específicos e com a criação de normas e boas práticas que os auxiliem a organizar os dados relativos às exposições ali organiza-das. Como exemplo apontamos o caso, muito publicitado (cf. https://www.huffingtonpost.com/entry/moma-history-archive-internet_us_57dade41e-4b04a1497b300b3), do Arquivo de Exposições do MoMA (NY) onde estão publi-cadas, com um conjunto de informação significativo, todas as exposições produzi-das por aquela instituição e, dentro do Comité Internacional de Documentação do ICOM (CIDOC), a criação de um grupo de trabalho sobre a documentação de exposições e performances que demonstra a necessidade sentida pelos profissionais da área da documentação.

A documentação de exposições é, na nossa opinião, importante para as coleções, para a História de Arte, Museologia, Museografia, entre outras áreas do saber, mas sabendo das dificuldades inerentes a processos de documentação retrospectiva, estaremos agora perante um elo perdido nos sistemas de informação dos museus?

Alexandre Matos é doutorado em Museologia pela Universidade do Porto. É, atualmente, diretor do Departamento de Investigação e Formação da Sistemas do Futuro e Professor Afiliado do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sempre gostou de Museus, mas ficou completamente apaixonado por eles quando trabalhou num pela primeira vez e percebeu a capacidade que ali existe para contar histórias com um simples objeto. Trabalha em documentação de museus porque considera que é a melhor forma que existe para manter essas histórias vivas. Escreve sobre isso no *Mouseion*. É investigador do CITCEM, membro dos órgãos sociais do ICOM Portugal e membro da direção do CIDOC.